



Marxismo e Socialismo na América Latina

(Afinidades Eletivas : Mariategui, Che Guevara e Carlos Fonseca) *

Claudio Nascimento

1) Prefácio:

As experiências revolucionarias dos povos latino-americanos, as revoluções vitoriosas de Cuba e Nicaragua, impulsionam à necessidade de avaliar e recolher o pensamento de todos os revolucionários. De José Martí , passando por Mariategui, até Carlos Fonseca Amador, desde Sandino até Fidel Castro.

A grande tradição revolucionária existente na America latina e no Caribe , merece reconstruir-se e reviver-se para eliminar o subdesenvolvimento político-científico e utilizar a energia resultante do pensamento e da discussão à serviço da revolução.

Coloca-se a exigência de renovar a leitura do marxismo sem fazer tabula rasa da tradição socialista, desde a Associação Internacional dos Trabalhadores (1864) até nossos dias. A elaboração voltada para o futuro deve estar associada à valorização do rico patrimônio histórico do movimento operário internacional, enquanto exigência de recuperar orientações estratégicas e de renovar a teoria.

O retorno dinâmico e criativo aos clássicos e ao complexo painel dos que contribuíram no arco de um século, ao enriquecimento do marxismo e ao patrimônio de ideias do movimento operário socialista, pode nos fornecer objetivos e instrumentos para avançar e fundar novas experiências e hipóteses políticas.

Urge uma recriação do marxismo e da alternativa socialista. Marx, através da experiência da Comuna de Paris, efetuou um corte decisivo em relação ao centralismo estatal do “Manifesto Comunista” (1848), ao observar que a classe operária deve aniquilar revolucionariamente a máquina estatal capitalista, instaurando suas formas de auto-governo.

Com a II Internacional (1889) se inicia o período de hegemonia do socialismo estatal, defendido sobretudo por F. Lassalle. De acordo com A. Pannekoek “A teoria do socialismo de Estado defende a via reformista para o socialismo e, é uma doutrina mecânica e vazia, pois, crê que a revolução social limita-se a uma mudança das instituições políticas e das condições externas de vida, sem transformar o próprio homem”. É, na verdade, com Lassalle que surge a teoria da “consciência exterior”, retomada posteriormente por Kautsky e Lenine. Rudolf Rocker chamou esse tipo de marxismo, de BISMARXISMO, (Bismark mais Marx).

A experiência da Comuna de Paris será retomada na práxis revolucionária pelos operários de Petrogrado, em 1905, com a fundação do SOVIET e, a nível mais amplo, com a Revolução de Outubro 1917, com a República Soviética. De 1917 até 1922, toda a Europa está sacudida pela formação de Soviotes (Conselhos). Contudo, em nenhum país a revolução será vitoriosa. A derrota da classe operária alemã em 1918, isola a revolução soviética. O bloqueio imperialista, a perda de quadros valiosos na guerra civil, e outros fatores, levaram à deformação estalinista da revolução. Começa, então, a existir historicamente enquanto regime constituído, o Socialismo de Estado. O estalinismo se assimila ao menchevismo reformista, se e travestindo de bolchevismo revolucionário.

Os grupos operários que tentaram combater a deformação estalinista foram todos derrotados. Desde a “Oposição Operária”, “Centralismo democrático”, “Verdade Operária”, até a “Esquerda Unificada”, sob a batuta trotskista.

Dentro do próprio quadro do marxismo surgira um movimento opositor ao socialismo estatal. O “Comunismo dos Conselhos” terá em Pannekoek seu principal teórico. Segue nas pegadas da esquerda revolucionária: do Lenine de “O Estado e a revolução”, das “Teses de Abril”; de Rosa Luxemburgo, Trotsky, Korsch, Lukács, Gramsci...

Esta corrente conselhistas representou uma alternativa teórica ao socialismo estatal burocrático, ao propor a socialização do poder político por meio da gestão direta do sistema conselhistas.

Neste período histórico (anos 20) o marxismo tinha um caráter revolucionário na **América Latina**. A chegada do Menchevismo estalinista só irá se dar no final da década seguinte (anos

30).Mesmo que, com a dinâmica da revolução soviética, a partir de 1919 com a fundação da COMINTERN, surgiram diversos PCs na América Latina.A grande figura do marxismo latino-americano será o peruano Mariátegui.

A proposta do comunismo conselheira limita a autogestão à produção e não ao conjunto da sociedade. Será com Rosa Luxemburgo, que teremos uma visão de autogestão social, da autogestão generalizada. Rosa retoma a via de Marx, da Comuna de Paris, da associação Internacional dos Trabalhadores. Estabelece-se um “Filão MARX - ROSA”, que no campo da práxis revolucionária corresponde ao “Filão COMUNA PARIS - COMUNA GDANSK”, SIGNIFICANDO A REATUALIZAÇÃO DO MARXISMO REVOLUCIONARIO AUTOGESTIONARIO.

Na América Latina , esse filão corresponde ao fio condutor do marxismo revolucionário que vai de Mariátegui, passa por “Che” Guevara até Carlos Fonseca.No plano da historia das revoluções, incorpora as Revoluções de Cuba e Nicaragua.

Em suma, ao “Filão MARX – ROSA” incorporam-se todos os que desenvolveram um marxismo dialético e práxico, histórico e criador, nacional e popular, oposto a todo tipo de dogmatismo, cientificismo e burocratismo.

Nesse texto, buscamos aspectos convergentes entre Mariategui, “Che” Guevara e Carlos Fonseca , enquanto fio condutor do marxismo revolucionário na América Latina ,e, assim, fontes da revolução em nosso continente.Alguns aspectos de convergência se destacam:

Marxismo, religião, revolução, humanismo revolucionário, partido, massa, classe operária, internacionalismo, unidade operário-camponesa.

Este é um objetivo. Outro é destacar o marxismo vivo, original e criativo destes três revolucionários ,enquanto elos da “Corrente Quente” do marxismo, englobando Lenine, Rosa Luxemburgo, Gramsci, Pannekoek, Lukacs,Korsch,Bloch...

Outros elementos se acrescentam em termos do itinerário da marxismo no continente e, enfim, elementos bibliográficos gerais.

Vale acrescentar que estes textos se destinam a um Seminário com um grupo de companheiros(as) que visitou a Nicaragua e Cuba, em 1988, sob coordenação conjunta do CECA-CEPA.

INTRODUÇÃO

Como avaliar e analisar as revoluções de Cuba e Nicaragua na ótica de convergência entre MARIATEGUI, GUEVARA E C. FONSECA ?

O atual texto de Michael Lowy se insere na perspectiva destes 3 revolucionários, que se complementam, ao tratar temas como:

Poder popular, democracia, socialismo, humanismo revolucionário, revolução, marxismo, cristianismo

Mariategui, Guevara e Fonseca assinalam o fio condutor revolucionário nos vários períodos de vida do marxismo latino-americano. Nesse sentido, são fontes permanentes da revolução latino-americana.

Lowy assinala a 'novidade dialética' nestas revoluções, desenvolvendo uma perspectiva histórica e apontando limites no processo. Analisa-as numa visão de totalidade dialética, dinâmica em devenir. Sobretudo em relação a Cuba, Lowy não a vê pelas barbas de Fidel. Destaca sobretudo, a dialética entre poder popular e os organismos estatais (Partido, Estado, Governo), numa perspectiva que foi definida pelo marxista tcheco Petr Uhl:

"A democracia operária manterá durante um certo tempo uma relação repressiva frente à burguesia. Mas, neste sistema repressivo, o elemento fundamental deve ser um mecanismo de auto-destruição do próprio sistema". E que, "Não é possível a instauração imediata da democracia direta no início do processo revolucionário. Não excluimos a forma da democracia indireta e representativa. Qualquer que seja a parte de cada uma destas formas de democracia, devemos agir de modo enérgico para que o espaço da democracia direta se amplie sem cessar, em detrimento da democracia representativa". **São palavras que caberiam muito bem na boca de "Che" Guevara.**

MARIATEGUI, "Che" GUEVARA, CARLOS FONSECA:

Fontes da Revolução na América Latina.

"A palavra Revolução nesta América de pequenas revoluções, se presta a equívocos. Temos que reivindicá-la rigorosa e intransigentemente. Temos que restituí-lhe seu sentido verdadeiro. A revolução latinoamericana, será, nada mais e nada menos, que uma etapa, uma fase da revolução mundial. Será, simples e puramente, a revolução socialista. A esta palavra pode-se agregar, segundo os casos, todos os adjetivos: anti-imperialista, agrária, nacionalista-revolucionária. O socialismo os supõe, os antecede, engloba todos eles"(Mariategui).

“Nossa revolução será socialista ou não será” (Mariategui)

“ Não há escolha a fazer: ou revolução socialista ou caricatura de revolução”(Che Guevara).

“Foi com a revolução cubana que o marxismo chegou até o espírito rebelde nicaraguense. O marxismo de Lenine, Fidel, ‘Che’, Ho Chi Min, foi escolhido pela Frente Sandinista de Libertação Nacional”(Carlos Fonseca).

Mariategui, ‘Che’ Guevara, Carlos Fonseca são os três expoentes do marxismo revolucionário na América Latina. Suas contribuições superam as de outros revolucionários do continente: Juan B. Justo, Luis E. Recabarren, Julio A. Mella, F. Marti, Carlos Balino, Anibal Ponce, Caio Prado. Mariategui foi pioneiro de uma aplicação crítica e fecunda do marxismo na América Latina; contudo, não foi um vitorioso, como o foi o ‘Che’ com a Revolução cubana em 1959. Por sua vez, Carlos Fonseca foi vitorioso, mas não viveu para ‘saborear’ o triunfo da Revolução Nicaraguense em 1979. Foi seu grande forjador. Como ele próprio dizia: “a vitória tem um preço alto e triste. A alegria total, por isso mesmo, é patrimônio das gerações futuras”.

Há muitas coincidências na vida e na morte desses três revolucionários. A fúria do imperialismo mostrou sua face mais selvagem nas mortes do “Che” e de Carlos Fonseca. Por sua vez, Mariategui também teve uma morte brutal. Os três morreram jovens. Mariategui morreu aos 36 anos, paralisado numa cadeira de rodas, com uma perna amputada. O “Che” morreu aos 39 anos em combate guerrilheiro na Bolívia. Teve suas mãos decepadas pelos militares. Carlos Fonseca morreu aos 40 anos na guerrilha Nica. Teve a sua cabeça decepada pela guarda nacional somozista. Como disse Tomas Borge: “ Carlos é dos mortos que nunca morrem... Carlos morreu com o fuzil na mão, com o coração transbordando de amor para com os homens, com os olhos azuis apontando para o futuro”. Um dia o “Homem Novo” do qual tanto falou o “Che”, “reincorpora” os pedaços humanos arrancados pelo imperialismo aos filhos mais bravos e amados da América Latina, tais como Mariategui, Guevara, Fonseca e tantos outros revolucionários da grande pátria. No mesmo sentido, podemos falar de Rosa Luxemburgo, Gramsci, etc....

Para os três revolucionários, o marxismo foi um pensamento crítico, original, criador, um guia para ação. Como diz José Árico: “A universalidade do marxismo não está em sua capacidade de ser aplicado em qualquer circunstância, mas na possibilidade que tem de recriar-se em circunstâncias determinadas”. Mariategui afirmava: “professamos abertamente a ideia de que

nos cabe criar o socialismo indo-americano. Nada é tão absurdo como copiar literalmente fórmulas europeias. Nossa práxis deve corresponder à realidade que temos a nossa frente; não queremos que o socialismo seja na América nem imitação nem cópia. Deve ser criação heroica. Temos que dar vida, com nossa própria realidade, com nossa própria linguagem, ao socialismo indo-americano”.

No mesmo sentido, Carlos Fonseca dizia: “Primeiro tenham confiança em que o povo da Nicarágua é suficientemente heroico, valoroso e que tem tradições combativas das quais nós podemos tirar um tesouro caudal, porque temos a responsabilidade de ser continuadores desta obra e, não abortadores da mesma. Como vamos inventar formas de luta quando o povo as tem praticado por décadas ? Temos que investigar essas formas de luta, desenvolvê-las, buscar como dar-lhes conformidade e impulsioná-las”. Ou, quando no calor do debate ideológico no interior da FSLN, discutia a possibilidade de transformá-la em partido, proposta da “corrente proletária”, Carlos defensor da “corrente Guerra popular Prolongada”, afirmava: “Sem dúvidas, falar agora de um partido, é por os pés em Petrogrado, ou em Yenan, ou no Teatro Carlos Marx, em Havana, 1965. Não é, pois, por os pés em Subtiava ou em Weslaia”.

Mariategui e Fonseca, ao lado do “Che”, são exemplos de que o marxismo só tem base real nas raízes históricas dos movimentos, engravidando do ‘novo’ a realidade global.

Segundo G. Girardi: “ na perspectiva sandinista,

- Prefácio à brochura “Marxismo e Socialismo na América Latina”, com textos de Claudio Nascimento e Michael Lowy. Edição CECA/CEDAC. 1989. RS.